



Overtime

UMA HISTÓRIA DE FAIR PLAY
BEATRIZ GARCIA



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

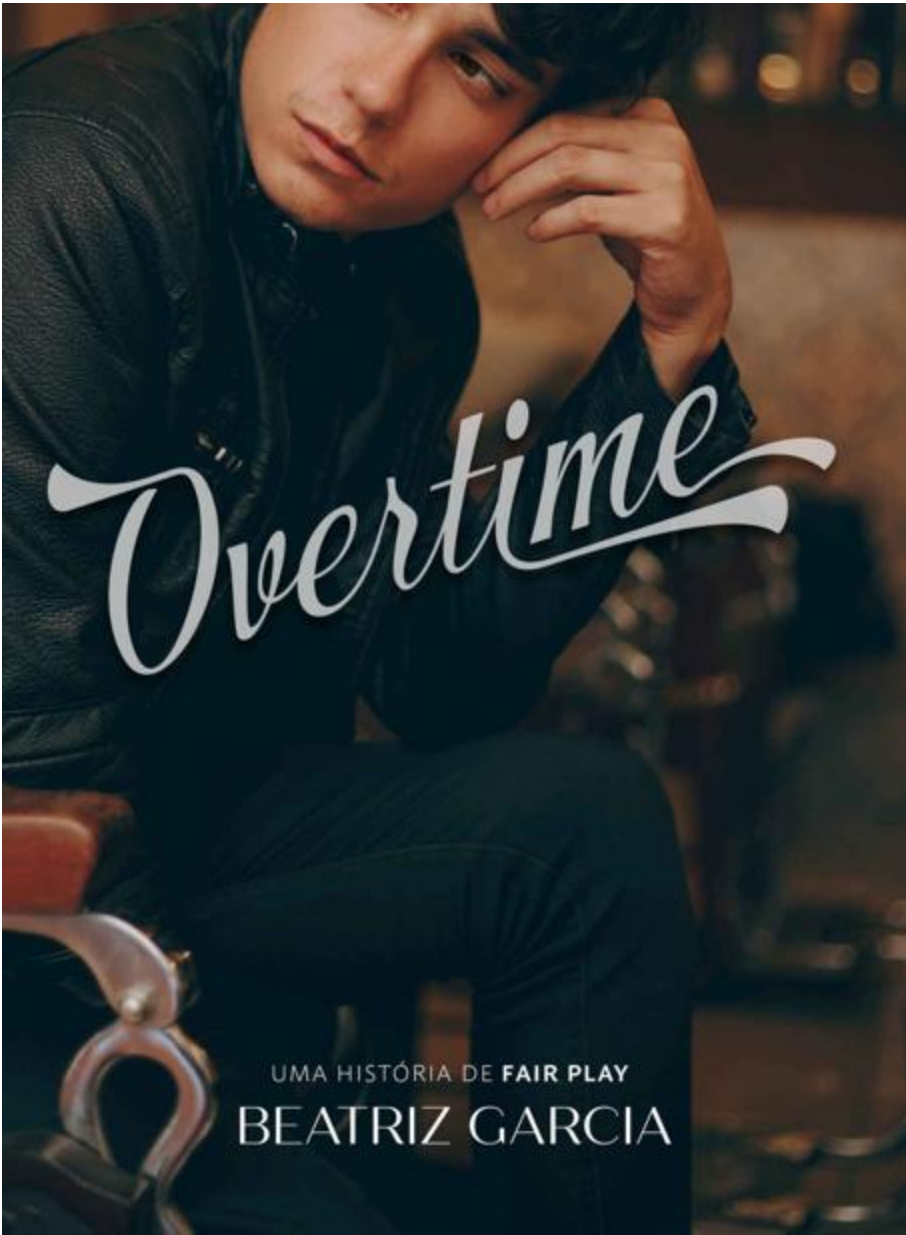
SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

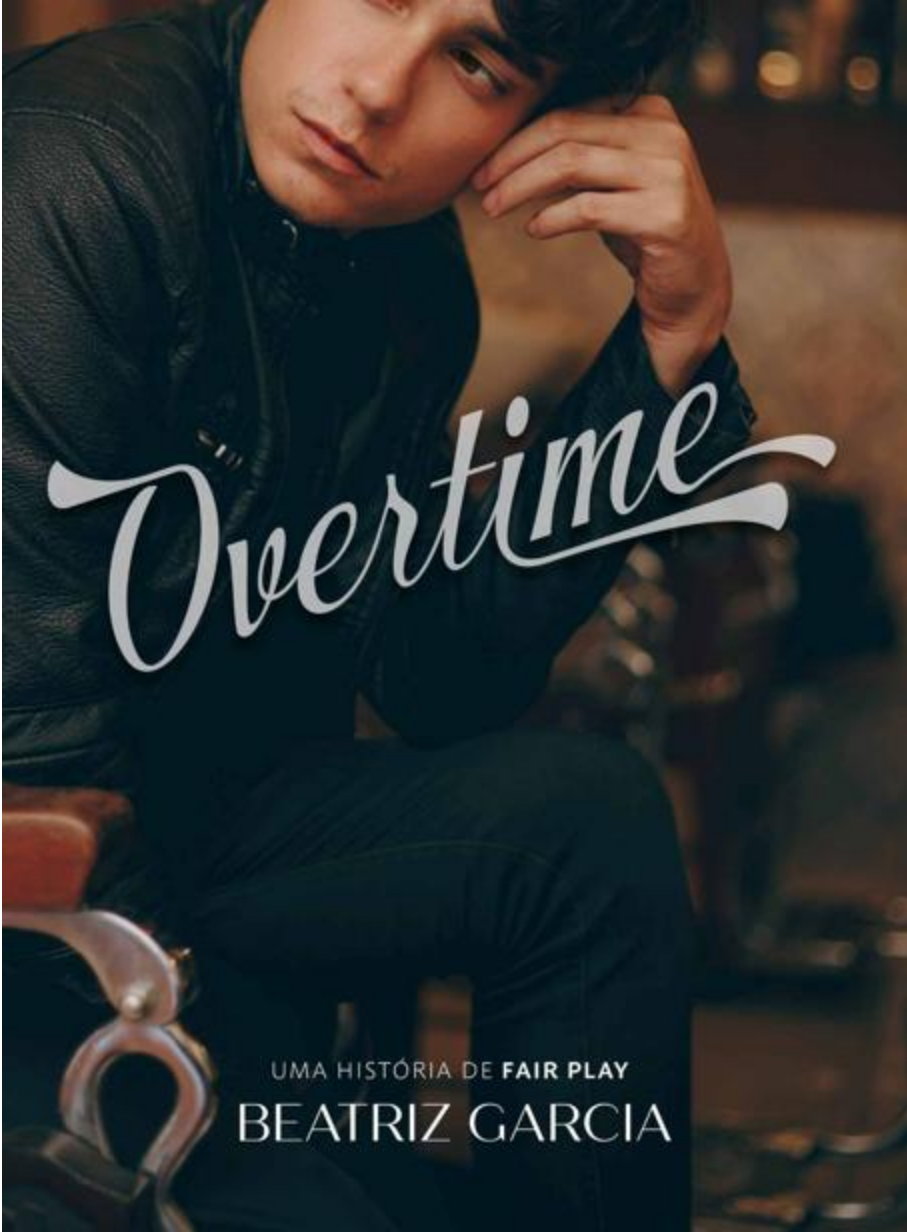
"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

*poder, então nossa sociedade poderá enfim
evoluir a um novo nível."*





UMA HISTÓRIA DE FAIR PLAY
BEATRIZ GARCIA



Overtime

UMA HISTÓRIA DE FAIR PLAY
BEATRIZ GARCIA

Overtime

Ficha catalográfica

TÍTULO: Overtime

AUTORA: Beatriz Garcia

PREPARAÇÃO E REVISÃO DE TEXTO: Clarissa Progin

DIAGRAMAÇÃO: Beatriz Garcia

FOTO DE CAPA: Designed by Rafael Barros – Pexels.com
DIAGRAMAÇÃO DE CAPA: Caique Silva

Copyright © 2021 Beatriz Garcia

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução, transmissão ou distribuição não autorizada desta obra, seja total ou parcial, de qualquer forma ou quaisquer meios eletrônicos, mecânicos, sistema de banco de dados ou processo similar, sem a devida autorização prévia e expressa do autor. (Lei 9.610/98)

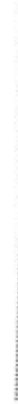
Dedicatória

Para todos que já desacreditaram no amor, tiveram seu corações partidos e choraram muito ao som de músicas tristes.

Passa. Sempre passa.



Para ouvir lendo





"One I wish I never played
Oh, what a mess we made
And now the final frame
Love is a losing game"

**Love Is A Losing Game –
Amy Winehouse**

Hunter Donovan

— Chegamos. — Minha voz saiu mais grave do que o normal por conta do tempo que havia ficado em silêncio.

— Obrigada pela carona, Hunter, e mais uma vez me desculpa por...

— Não esquenta, Heather. — interrompi-a, com um sorriso fraco — Está tudo bem. Espero que dê tudo certo por aí também. —

apontei com a cabeça para casa e vi quando ela mordeu o lábio inferior com força.

— Até mais, Hunter.

Abrindo a porta, a garota por quem eu estava apaixonado pegou sua mochila no banco traseiro e acenou brevemente para mim antes de entrar em sua casa.

Não estava tudo bem.

Ninguém no mundo em sã consciência estaria bem depois de planejar uma surpresa, visualizar os mais diferentes cenários com uma recepção calorosa nos braços da garota que gostava e, de uma hora para outra, perceber que havia se iludido. De novo.

Mas no fundo você meio que já sabia, Hunter.

Aquilo de fato era uma verdade. Uma parte de mim lutou para não acreditar, uma parte de mim torceu para que, na verdade, eu estivesse me autossabotando dado o histórico ruim no campo do amor. Mas, de todo modo, eu havia desconfiado a respeito dos sentimentos de Heather para comigo, algo me dizia que eu estava muito mais ali por ela do que o contrário.

Porém, em se tratando de uma pessoa por quem eu estava a fim há meses, era difícil ser racional, era difícil não se iludir depois do primeiro encontro.

Dando partida no carro novamente, segui pelas ruas de Tacoma indo em direção ao meu apartamento. Eu dividia o

espaço com um amigo da faculdade, Landon Grimes, mas sabia que ele só chegaria no domingo à tarde, o que, naquele momento, era um alívio. Primeiro porque eu não queria explicar a falta de ânimo estampada em meu rosto e segundo porque não teria que dar satisfação a respeito do motivo que me faria só deixar minha mala no quarto e sair para encher a cara.

Passei a mão pelos meus cabelos e respirei fundo algumas vezes enquanto continuava a dirigir, eu não era aquele tipo de pessoa que chorava quando se magoava, eu sempre fui de rebater a tristeza com alegria. Isso desde muito novo.

Quando criança, meus dois dentes da frente eram enormes, talvez parecessem maiores porque ficavam muito em evidência, mas eu não me importava com aquele detalhe. Diferentemente dos meus amigos de escola, que não conseguiam deixar de lado o fato dos meus incisivos serem maiores do que o “normal”.

Um garoto de uma turma mais velha que adorava implicar comigo me apelidou de *Pernalonga*, foi uma semana sofrendo *bullying* na escola e voltando para casa chorando. Até que um dia, durante o jantar em casa, meu pai e minha mãe, provavelmente cansados de verem o filho triste da forma como eu estava, decidiram me dar um conselho que eu acabei guardando para a vida toda.

“Às vezes, querido, a melhor resposta é a outra face. Ou um sorriso”.

Na época, eu demorei um pouco para entender o que queriam dizer com isso, mas depois de um tempo compreendi. Desenvolvi um dos mecanismos de defesa mais conhecidos por aqueles que, de alguma forma, se

sentem atingidos ou ofendidos com alguma brincadeira: fazer a piada antes.

Na escola, enquanto continuavam a me chamar de *Pernalonga*, eu comecei a imitar o próprio coelho do desenho, treinava a voz em casa e repetia algumas das falas clássicas dele. O

efeito reverso deu certo: ao invés de sair chorando do pátio, eu fazia minha imitação e as crianças à minha volta davam risada. Quando o grupo de garotos percebeu que eu não estava mais me importando com o apelido, pararam de usá-lo. Alguns daqueles meninos anos mais tarde viraram meus amigos, pediram desculpa pela piadinha e eu os perdoei.

Sei que um apelido como esse não fez de mim um cara retraído, nem mesmo criou traumas em mim, o *bullying* é um tema sério que muitas vezes é tratado de forma rasa. E, apesar dessas breves piadas, isso nunca afetou minha vida social, minha cabeça ou algo do tipo. Eu tratei da questão com leveza e, anos depois, usar

aparelho odontológico ajudou a cuidar do dito "problema".

Infelizmente, eu tinha ciência de que nem todas as pessoas conseguiam lidar com o *bullying* da mesma forma que eu.

Entretanto, a questão de ser o primeiro a soltar um comentário engraçado, fazer as pessoas rirem ou trazer leveza para as situações, sempre fez com que eu anulasse meus sentimentos.

Como, por exemplo, com Heather alguns minutos atrás, quando disse a ela que estava tudo bem, que eu ficaria chateado por mais um curto tempo, mas que logo passaria.

Sempre passava, era fato. Não há coração partido que não se cure, mas o fato de curar não significava que era fácil, pelo menos não tão fácil quanto eu havia mencionado.

Suspirei alto tentando deixar de lado aqueles pensamentos e estacionei o carro na rua em frente ao apartamento que morava.

Enquanto subia as escadas, meu telefone tocou e o visor mostrou uma foto minha e de Kristen, minha melhor amiga.

— *E aí, Romeu? Declarou seu amor para a Julieta jogadora de futebol?*

Respirei fundo enquanto abria a porta, mantendo o celular apoiado nos ombros e isso foi o suficiente para que minha melhor amiga entendesse.

— *Deu tudo errado, né, Hunter?*

— O que você acha? Eu estou fadado ao fracasso amoroso, Kris. — exclamei mais alto, enquanto adentrava o apartamento e ia em direção ao meu quarto.

— *Então, vamos ao Java's? A primeira bebida é por minha conta.* — A voz de Kris soou mais fraca, mas apesar disso, sua pergunta me fez sorrir um pouquinho.

— Te pego em meia hora.

Nos despedimos brevemente e joguei o celular na cama, em seguida arrancando a camiseta que usava, juntamente com os tênis e calça, indo em direção ao banheiro. Enfiei a cabeça debaixo da água quente e apoiei a testa no azulejo. Eu estava tão exausto de me sentir daquele jeito, tão cansado de tentar, tentar e tentar e nunca dar certo, era tão

exaustivo viver em um mundo onde relações superficiais eram muito mais exaltadas do que compromissos sérios.

Eu soava amargo e odiava isso.

Me dando por vencido de que ficar ali debaixo da água lamentando só aumentaria o custo da conta de água e não resolveria os meus problemas, esfreguei meus cabelos com um pouco de shampoo e terminei de tomar banho alguns minutos depois. Olhei no espelho grande do quarto enquanto espirrava um pouco de perfume no pescoço e, apesar de estar bem vestido, com minha camiseta xadrez preta e uma calça jeans mais escura, meu rosto ainda não era dos melhores.

Peguei o celular novamente e digitei uma mensagem para Kris, avisando que estava saindo de casa.

Alguns minutos depois eu estava estacionando o carro e Kris já me esperava na porta de seu prédio. Com suas costumeiras botas de salto e calças jeans escuras, sorri ao vê-la abrir a porta do carona e se sentar ao meu lado.

— Um abraço vai ajudar você a colocar um sorriso nesse rosto lindo? — questionou antes de afivelar o cinto.

— Talvez, você pode tentar.

Kris estendeu os braços e adentrei em seu abraço caloroso e tão familiar a mim. Kristen Maxfield e eu nos conhecemos durante o penúltimo ano de escola, ela tinha sido transferida de Seattle por conta do trabalho do pai, mas no momento em que pisou em Salem, apesar de não ter problemas para fazer amigos e até mesmo se adaptar, ela estava disposta a voltar a sua cidade natal, berço do estilo musical que mais gostava e também o lugar que chamava de lar.

Ficamos amigos por causa de um trabalho em grupo em que acabamos assumindo toda a responsabilidade de fazer e depois disso, nunca mais deixamos de conversar. Por morar com o pai e este estar sempre viajando a trabalho, Kris estava mais do que habituada a passar algumas datas importantes, como o Dia de Ação de Graças, ou com a minha família ou com alguma amiga, como no caso daquele ano, em que ela havia ido visitar uma amiga de longa data em Seattle, mas havia voltado mais cedo por conta das obrigações da faculdade.

— Quer que eu dirija hoje? — perguntou com a voz próxima ao meu ouvido.

— É uma opção, vamos ver como a noite decorre. — soltei-me de seus braços e ela assentiu enquanto eu ligava novamente o carro e dava seta para entrar na rua.

Perguntei a ela como havia sido sua quinta-feira de Ação de Graças e Kris, perspicaz como era, logo percebeu que, apesar de saber que eu lhe contaria como havia sido o meu feriado, eu também queria um tempo a mais e conversas amenas antes de deixar toda a minha sentimentalidade escorrer para fora. Eu não iria fugir da conversa, só queria adiá-la por um tempo, talvez até estar com alguma bebida em mãos.

O *Java's* era um bar mais ao centro de Tacoma que tanto eu, quanto Kris adorávamos, principalmente porque ele parecia não ser muito frequentado por universitários, e como nós dois passávamos tempo demais na faculdade, nas horas de lazer, nós queríamos distância de qualquer coisa que nos remetesse a esse ambiente.

Por ainda ser feriado, o bar não estava tão cheio e fiquei grato ao ver que as duas banquetas que nós sempre

sentávamos estavam vazias. Kris e eu caminhamos na direção das mesmas e rapidamente, um atendente veio retirar nossos pedidos.

— Uma dose de whisky com gelo e para ela um...

— Só uma água. — completou Kris.

O atendente sorriu e se afastou para ir até a parte do balcão onde os drinks eram preparados.

— Água? Não vai tomar nem mesmo um gin? É um clássico seu.

— Hunter, você pediu whisky puro, você com certeza vai apagar e eu vou precisar dirigir, é melhor já me preparar. — deu uma risada abafada e tirou a jaqueta que usava.

— Você me conhece tão bem — apoiando o cotovelo no balcão, deitei o rosto para olhar minha melhor amiga ainda mais de perto.

— E como conheço... — ponderou ela, suspirando. — E por te conhecer tão bem, sei que você está enrolando para me contar o que

aconteceu, então, que tal começar a abrir o bico logo antes da sua língua se enrolar por conta da bebida?

Kris cruzou os braços abaixo do seio e eu respirei fundo para, então finalmente, começar a falar sobre meu Ação de Graças desastroso.

— Por onde começar? — apoiei um dedo no queixo e fingi pensar. — Bom, eu estava em casa, como tinha dito para você e, bem, você sabe como fica a minha casa em

qualquer data comemorativa, cheia de familiares, crianças, meus irmãos correndo por todos os lados... o de sempre.

— Sim, uma típica festa dos Donavan, conheço bem. — Kris deu uma risada baixa. — Sua mãe me mandou mensagem chateada por eu ter abandonado vocês esse ano.

— Realmente. Se você tivesse ido, teria me poupado gastar gasolina à toa até Ashland. — pontuei, enquanto o garçom estendia o copo para mim e beberiquei-o levemente.

— Sinceramente, Hunter... Ainda não acredito que você viajou até uma cidade no meio do nada para ver uma garota. Quero dizer, você já espalhou rosas pela escola para chamar uma menina para ir ao baile, comprou um anel para sua ex-namorada, no namoro mais curto que eu já vi...

— Você não está ajudando, Kristen — massageei as têmporas e vi quando minha amiga arregalou os olhos levemente assustada.

— Desculpa, Hun-Hun, não quero te deixar pior, é só que...

— Estou brincando com você, Kris-Kris... — respondi usando a mesma variação do apelido que ela tinha comigo e vi um sorriso singelo se espalhar em seus lábios. — Não é culpa sua que eu seja

“emocionado demais”. — fiz aspas no ar e ri junto da minha amiga.

— Bom, que seja. Deixando esse fator de lado, prossiga. Você viajou para Ashland e? Vamos! Tenho a noite toda, mas minhas unhas já foram, estou curiosa para entender tudo o que aconteceu.

Sem mais delongas, deixei de lado a enrolação e comecei a contar para minha melhor amiga tudo que havia acontecido, desde o início. Kris não tinha conhecido Heather ainda, eu estava esperando para apresentá-la quando realmente começasse a namorar, mas, infelizmente, não havia dado tempo. Conteí a ela sobre como parecia

estar tudo bem alguns dias antes do feriado, quando Heather e eu saímos com alguns amigos meus, depois do jogo dela, sobre sentar ao seu lado nas aulas em comum que tínhamos, nossos cafés durante os intervalos, minhas idas ao final do treino...

Tudo parecia dentro dos conformes, duas pessoas se conhecendo. Heather e eu não tínhamos dormido juntos até minha ida a Ashland. E também não chegamos a transar, nem próximo disso. Mas, eu não estava me importando com aquele fato; eu queria, é claro, mas não tinha pretensão de forçá-la a nada e estava disposto a deixar o tempo agir nesse quesito. Entretanto, verbalizar todos aqueles pontos para minha amiga só me faziam refletir como eu havia sido tolo novamente.

Mencionei a Kris sobre como ir para Ashland parecia não apenas uma ótima ideia para fazer uma surpresa como também uma ótima fuga de casa, eu estava habituado a morar sozinho, a ter meu espaço e privacidade e apesar de amar minha família, eu não me sentia mais pertencente àquela realidade de casa, gostava do silêncio, gostava da minha organização.

— Bom, até aí eu te entendo, mil vezes morar sozinha e ter meu espaço do que precisar dividir a casa com várias pessoas. —

comentou Kris enquanto bebericava sua água.

— Não vejo a hora de acabar a faculdade e ter meu espaço de verdade. — pontuei, dando mais um gole no copo de whisky e fazendo sinal para que o atendente trouxesse outro.

— Eu também não vejo a hora de voltar para Seattle, meu cantinho favorito no mundo! — revirei os olhos ao ouvi-la falar de Seattle só para irritá-la e, depois de me empurrar de leve pelos ombros, Kris prosseguiu — Mas, voltando. Você estava em casa, entediado, olhou para o teto e pensou: “Por que não pegar quase quatro horas de estrada para ver a garota que ainda nem estou namorando?”.

— Quando você fala assim parece tão ridículo... — sorri fraco, mas prossegui — Mas sim, foi quase isso. Meus primos estavam gritando no quarto do Caleb, meu irmão mais novo, e eu olhei para minha conversa e da Heather e pensei “por que não?”. E então fui.

Kris ouviu atentamente cada uma das palavras que contei a respeito da viagem até Ashland, a expectativa que crescia em mim a cada momento em que me aproximava da cidade, a chegada a festa e como Heather parecia assustada ao me ver. O beijo ameno que trocamos, a amiga dela, que parecia querer conversar mais comigo do que a própria garota que eu havia ido visitar, como toda a atmosfera parecia errada.

— Eu só fui perceber que realmente havia algo de errado quando ela disse que queria ir embora e flagramos Nash Sullivan e a amiga dela se beijando. A feição de Heather mudou completamente.

— Você acha que a questão é ele? — perguntou Kris, dando mais um gole em sua água e agradecendo a porção de peixe com fritas recém chegada à nossa frente.

— Não só acho como tenho certeza. Eu nem precisei pressioná-la, ficou tudo muito claro na nossa conversa durante o caminho de volta para Tacoma. No final das contas, essa conversa foi o que eu precisava para confirmar o que eu já sabia bem lá no fundo.

— Que ela não estava afim de você e sim de outro cara?

— *Touché, mon amour.* — respondi, arranhando o pouco de francês que eu sabia e entornando o copo de bebida.

— Uau! Já estamos falando francês. — riu nasalado enquanto mordida mais uma isca de peixe. — Então acabou entre vocês?

— Acabou o que nem começou direito, não é? — frisei com certo amargor na voz. — Mas, até aí, nada de novo na vida de Hunter Donovan, o cara que só quer uma namorada.

— Não fale assim, Hun-Hun. Qualquer garota que não te dá valor tem que ser muito idiota, você é maravilhoso. — pontuou massageando meus cabelos com um sorriso meigo nos lábios.

— Você é minha melhor amiga, elogios vindos de você não valem, é igual elogio de mãe. — Kris balançou a cabeça de um lado para o outro e notei quando seus lábios se abriram e fecharam rapidamente, como se ela fosse falar algo mas tivesse desistido.

— Já que sou sua melhor amiga — comentou dando um leve suspiro — é meu dever te animar de alguma forma, então....

— Então, eu quero uma dose de tequila — interrompi-a.

— Não era isso que eu queria sugerir...

— Mas você mesma disse que estava aqui para me animar, e tequila sempre anima. — levantei o dedo chamando o atendente e solicitei a ele uma dose — Toma comigo, assim ficamos ruins juntos.

— Não, nada disso. Vou cuidar de você, como disse que faria.

Se você quer beber até ficar ruim, vai fazer isso sozinho, *mon amour*.

— respondeu, passando a mão em meu rosto e demorando mais em meu queixo. — Gosto quando você deixa a barba em evidência assim.

— É. Sabe quem falou a mesma coisa? Heather. Ela comentou isso em um dos nossos últimos encontros e veja só no que deu... Deixei a barba assim por causa dela e agora, aqui estou eu, bebendo e com o coração partido.

Kris mordeu o lábio inferior com a pontinha dos dentes e eu a conhecia o suficiente para saber que aquele era o sinal de que queria dizer algo mas estava ponderando as palavras.

— Vamos, diga o que está pensando. — questionei-a e, antes que ela pudesse responder, um pires branco com um copo de shot, uma fatia de limão e um saquinho de sal apareceram à minha frente

— É disso que eu estou falando. Obrigado, cara. — agradeeci o atendente e ele deu um sorriso amigável.

Coloquei o sal na mão e posicionei o limão no canto do prato.

— Céus, a noite será longa! — assobiou Kris enquanto olhava atentamente meus movimentos.

— Você prometeu que seria minha melhor amiga em qualquer situação e, além disso — peguei o copo entre os dedos e o ergui do pires — como já diria um dos seus filmes favoritos, essa é a vingança perfeita: tequila na veia.

Com a risada de Kris ressoando em meus ouvidos, lambi o sal da mão, virei o conteúdo do copo e senti meu estômago queimar enquanto chupava a fatia de limão.

— *Patrick Verona* não estava de todo errado, mas lembre-se como a *Kat Stratford* terminou a noite — respondeu dando uma breve risada e prosseguiu — e, se quer saber? Existe uma vingança ainda melhor que essa.

— Qual?

Kris sorriu de lado e a olhei desconfiado. Eu conhecia aquele olhar, seus olhos verdes cintilavam um pouco a mais quando ela tinha alguma ideia que julgava infalível ou genial.

— Conheço esse seu olhar, Maxfield — semicerrei os olhos para ela — o que tem em mente?

— A minha vingança perfeita para corações partidos. — ela ergueu a mão para o alto e chamou um dos atendentes.

Kris pediu para que ele chamasse o gerente da casa, que nós já conhecíamos pela frequência com a qual íamos ao *Java's*. O

rapaz mais baixo que eu, mas muito gentil e com quem nós tínhamos certa proximidade, apareceu, e Kris começou a falar com ele mais ao pé do ouvido, ele acenou com a cabeça ao que quer que ela estivesse falando e os dois desapareceram.

Alguns minutos depois, minha amiga retornou e se sentou com uma expressão triunfante nos lábios.

— Você não vai me contar o que planejou?

— Calma, você vai descobrir.

Fui abrir a boca para perguntar novamente do que ela estava falando e Kristen colocou o indicador em meus lábios, pedindo silêncio. Em seguida, uma melodia que eu conhecia muito bem começou a ressoar nas caixas de som e um sorriso travesso se espalhou pelos lábios de Kris.

— Por favor, me diz que você não fez isso? — perguntei apoiando a cabeça no balcão e escondendo meu rosto.

— Isso o que? Colocar a *playlist* que fiz para você superar seu coração partido no final do ensino médio? Talvez eu tenha.

— Já falei que você é a pior amiga que existe?

— Por favor, silêncio e deixe que a voz de *Jon Bon Jovi* embalar seu coração quebrado.

Comecei a rir com sua fala e, rapidamente, Kris começou a entoar os versos sussurrados de uma de suas músicas favoritas.

Minha melhor amiga podia amar o cenário grunge e musical de Seattle, mas nutria um amor incondicional por quase todos os gêneros musicais, e eu amava aquela *playlist* e toda a história por detrás dela.

Kris a havia criado durante nosso último ano na escola, quando uma garota por quem eu fiquei meses afim simplesmente me dispensou algumas semanas antes do

baile. A *playlist* nasceu em um site de músicas que não existia mais, porém, na época, trouxe certa leveza para amenizar os sentimentos de mais uma desilusão amorosa.

Dias depois, ela acabou servindo não só para mim, como para minha melhor amiga, já que, na época, Kris namorava com um jogador de lacrosse que acabou a dispensando também alguns dias antes do baile.

Apesar de termos pares diferentes para o baile, nossa ideia era sair da festa juntos e comer hambúrgueres do *Wendy's* parados em meu carro nos fundos da biblioteca pública onde havíamos de fato nos tornado amigos. Acabou que, ao invés de só jantarmos hambúrgueres tarde da madrugada, fomos juntos para o baile, sendo um o par do outro, o que foi a melhor coisa que nos aconteceu, porque nos divertimos demais juntos.

Kris era minha melhor companhia sempre, mesmo naquele momento, berrando a plenos pulmões *Bon Jovi* em meu ouvido direito.

— Se vamos mesmo cantar alto no meio de um bar, preciso de mais uma dose de whisky. — ergui o dedo para o atendente que logo compreendeu meu pedido. Ao mesmo tempo, a música que Kris cantava animada fazendo uma performance dolorosa e melosa deu lugar a uma melodia que eu adorava. — *Simple Plan*, quanto tempo não ouço isso!

— Aproveite que hoje você tem passe livre para ser um pouco emo ao meu lado.

Toquei seu braço empurrando-a levemente para o lado e dessa vez, foi minha voz desafinada e alta que se elevou para entoar os versos de uma das minhas bandas favoritas da adolescência.

Com o copo em mãos e bebericando o whisky rápido demais, Kris e eu começamos a espantar os clientes à nossa volta enquanto cantávamos as músicas da *playlist* que minha amiga havia feito para mim anos atrás. Claro que, naquele momento, com uma carga maior de idade e de anos, Kris havia feito adesões mais atualizadas e

provavelmente a tinha salvo em um dos aplicativos de música que ela tinha em seu celular.

Quando *Mariah Carey* começou a ressoar nos alto falantes, eu já havia pedido meu terceiro copo de whisky e cogitava tomar outra dose de tequila.

— Vem! — Kris estendeu a mão e desceu de sua banqueta com um pulo rápido — Você sabe de cor a parte do *Jay-z*, temos que fazer um show completo.

— Isso porque fui eu quem bebi. — pontuei sério, mas ainda assim, me levantando e acompanhando-a tanto na dança quanto na melodia tão conhecida por nós dois.

O rap da música começou e não poupei esforços para performar da melhor forma possível os versos que eu havia decorado quando mais novo. Kris vibrou ao meu lado e logo, algumas pessoas próximas a nós também se empolgaram com nossa performance.

Minha amiga gostava tanto da música em questão que conhecia até mesmo a coreografia do clipe, que fez questão de reproduzir em meio ao bar. Eu amava o jeito despojado dela, adorava o fato de me divertir com Kris mais do que com qualquer pessoa no mundo.

Kristen dançava animada e eu aproveitei o momento para pedir mais uma dose de tequila. De fato, não havia nada melhor do que muita bebida no sangue e músicas ruins para

extravasar todas as sensações e esquecer o fato de que ainda me sentia um idiota.

Todavia, eu sempre podia contar com minha melhor amiga, eu jamais conseguiria agradecê-la o suficiente por me ajudar a esquecer de um péssimo dia de Ação de Graças. Meu coração parecia doer menos e isso era tudo culpa dela, da garota de cabelos castanhos e olhos levemente verdes que eu chamava de melhor amiga.

Aceitando de bom grado o copo de tequila, tomei a bebida e senti meu corpo se retorcer pela quantidade de álcool. Minha visão estava um pouco turva e decidi me sentar para tentar amenizar os efeitos. Continuei observando Kris dançar e não pude deixar de reparar na forma como seu corpo se movia.

Ela sabia ser sensual quando queria, como naquele momento, seus quadris reboavam sensualmente e ela passava as mãos pelo corpo. Apesar da baixa estatura, Kristen tinha um corpo lindo e eu



sabia que sua beleza chamava atenção de quem quer que estivesse passando próximo a nós.

Por alguns segundos, observei-a olhar para mim e me deixei hipnotizar por sua beleza. Kristen Maxfield era uma mulher linda e eu não era capaz de negar esse fato, não era capaz de ignorá-la, mesmo que fossemos melhores amigos e que essa linha jamais fosse cruzada.

— O que foi? — questionou sorrindo.

— Nada, só olhando você.

Reparei quando seus movimentos pararam levemente e ela parecia prestes a me dizer algo. Quando seus lábios se abriram, *Adele* preencheu as caixas de som e a necessidade de cantar falou mais alto. Comecei a entoar de forma desafinada os versos e não pude deixar de rir da versão distorcida de Kris me olhando, eu provavelmente estava gritando muito mais do que o necessário, mas era essa a intenção desde o início.

Rindo de mim, Kris se uniu no refrão de *Rolling In The Deep* e não pude deixar de pensar, novamente, que não havia alguém melhor com quem estar naquele momento do que ela.

Noite adentro, a playlist de Kris ressoou nas caixas de som, acompanhado da minha visão turva por conta da bebida. Em um dado momento, minha amiga sentou-se novamente no banco que ocupava e me assistiu recitar os versos tristes de uma música qualquer, mas, quando *New Radicals* começou a tocar, engoli toda a bebida ainda restante em meu copo e toquei em sua mão.

— Vem, vamos dançar juntos — minha voz soava arrastada e eu conseguia sentir minha língua se enrolar.

— Hun-Hun, você está muito bêbado, não acho que seja uma boa ideia.

— Nada disso, chega de passar vergonha sozinho! — peguei sua mão com a minha e aumentei a força para puxá-la.

Sem graça mas levemente rendida, Kris levantou-se da cadeira e veio até meus braços, puxei-a para ficarmos mais perto e a

prendi pela cintura. Mesmo com os saltos da bota, Kristen continuava sendo mais baixa do que eu, o que era até cômico, já que eu não tinha uma estatura de dar inveja. Ainda assim, Kristen precisava inclinar um pouco a cabeça para trás para poder me olhar nos olhos.

Abraçados e dançando de forma lenta, minha amiga encostou o rosto em meu peito enquanto nos movíamos em silêncio ao som melódico de uma das canções que havia marcado minha adolescência e minhas dores de amor.

A letra meio desconexa, mas que falava sobre não ser feito para amar a pessoa em questão, fez com que eu pensasse em Heather novamente. Será que ela havia se resolvido e superado facilmente a nós dois? Teria ela se acertado com Nash e naquele momento, os dois estavam transando loucamente em seu quarto?

— Não aguento mais sofrer, Kris. — murmurei próximo ao ouvido da minha amiga. — Estou tão cansado de ter meu coração machucado por algo que criei na minha cabeça.

— Você não é o único culpado, Hunter. — minha amiga continuou a nos balançar e me dei conta brevemente de que era muito mais ela quem nos guiava do que o contrário.

— Sei que faz parte do combo “ser um homem decente” aceitar quando uma garota nos rejeita, mas... É tão ruim.

— Ser um homem decente significa aceitar a decisão de uma mulher, Hunter. Aceitar o não, entender os desejos de uma garota e não pressioná-la. Anular seus sentimentos não entra nesse combo.

Você é ótimo e sabe disso, tem todo o direito de estar chateado por conta de tudo o que aconteceu.

— Eu sei, no fundo sei que não estou errado, mas estou cansado de me sentir assim, Kris. — Apoiei minha cabeça em seu ombro e inspirei seu perfume. — Será que eu nunca vou conseguir ser feliz? No quesito amor, pelo menos?

— Hunter — a mão direita de Kris massageou meus cabelos e ela murmurou — às vezes, você só está olhando para o lugar errado.

Às vezes, o amor está do nosso lado, mas nós somos incapazes de enxergar.

A frase proferida pela minha melhor amiga me pegou de surpresa. E bateu em meu coração de forma certa. Ergui minha

cabeça de seu ombro para olhá-la e por alguns instantes senti a atmosfera diferente, os olhos verdes de Kris me encaravam e eu podia vê-los um pouco mais brilhosos. Estávamos mais afastados das cadeiras em que havíamos sentado, eu sabia que apesar de mais vazio do que o normal, havia pessoas nos observando.

Parte de mim também sabia que havia ingerido uma quantidade alta de bebida, mas algo dentro de mim me dizia que aquilo, aquela frase, não tinha nenhuma conotação de bebedeira e muito menos parecia ser algo da minha cabeça. Ela soava muito verdadeira.

— Kristen.... — murmurei seu nome olhando para baixo até encarar de fato seus olhos verdes.

— Hunter, eu....

Antes que ela pudesse falar algo, encurtei nossa distância ainda mais encostando meus lábios nos seus.

E foi como se uma sequência de ondas me atingisse, todas de uma vez, me fazendo adentrar em um mar profundo, em águas que eu nunca havia mergulhado.

Eu sabia o nome de cada uma das garotas por quem havia me apaixonado e beijado, conseguia lembrar quase que com precisão a grande maioria dos beijos que havia trocado até aquele momento. Mas nenhuma delas havia me despertado aquela reação instantânea: a nuca pegando fogo, a pele aquecendo pelo toque, os arrepios.

O roçar de lábios foi breve, mas quando abri os olhos, encontrei as íris verdes de Kristen presas às minhas, ela parecia chocada, como se não acreditasse que aquilo havia acontecido.

— Hunter, o que foi isso? Eu não acho que...

Antes que ela pudesse completar a frase de fato, encostei novamente seus lábios nos meus. Porque precisava. Porque parecia certo demais.

Sem perder tempo e com uma necessidade imensa nascendo dentro de mim, empurrei seu corpo junto ao meu para mais próximo da parede, eu precisava tocá-la. Uma parte de mim tentava me alertar que era culpa da bebida, que aquelas sensações todas só estavam acontecendo em meu corpo por conta do consumo



exacerbado de álcool, mas outra parte, e essa muito mais forte, me dizia que os arrepios que percorriam das minhas

costas até a nuca não eram normais, eu nunca havia me sentido assim antes.

Prendendo o corpo de Kristen na parede, não desgrudei nossas bocas, apenas intensifiquei nosso contato, pedi passagem com a língua por entre seus lábios e ouvi um suspiro abafado sair de um de nós. Se era meu ou dela, eu não saberia dizer, eu estava envolvido demais, embebido em seu toque.

Eu nunca tinha sentido uma cintura se encaixar tão perfeitamente em minhas mãos, muito menos os lábios de alguém se modelaram tão bem aos meus. Kris moldou meu rosto com suas mãos e senti meu corpo corresponder ao seu toque quase imediatamente, ainda mais quando suas mãos adentraram meus cabelos. Eu queria mais, eu precisava de mais.

Como eu poderia querer tanto e daquela forma nada inocente a garota que eu chamava de melhor amiga há tantos anos?

Minha cabeça estava nublada, eu não conseguia encontrar as respostas. Todavia, ainda que meu corpo desse sinais de desejo, ele também estava reagindo de outra forma. Meu estômago estava fazendo alguns sons estranhos e eu torcia para que aquele fosse mais um sinal de emoção, que fosse meu corpo reagindo ao fato de estar beijando minha melhor amiga.

Entretanto, os sons se intensificaram e eu comecei a sentir algo ainda mais forte, um gosto estranho nos lábios. Temendo o que estava por vir, me afastei lentamente de Kris e olhei profundamente em seus olhos.

— Hunter, eu preciso te dizer uma coisa....

Infelizmente, eu processei suas palavras, sabia que ela estava prestes a dizer algo importante, mas meu organismo não conseguiu esperar por suas palavras e muito menos aguardar minha corrida até o banheiro.

Em questão de segundos, curvei meu rosto para o lado direito e vomitei.

— Hunter! Hunter! Cara, acorda.

Minha cabeça latejava e eu conseguia sentir meu corpo dolorido. Eu sabia que estava em um local escuro e sabia que a voz de quem falava comigo pertencia a Landon Grimmes, meu colega de casa e amigo. E, apesar de saber que ele adorava fazer piadas comigo, eu também sabia que, naquele momento, ele não estava falando alto e muito menos berrando. Todavia, eu sentia como se ele estivesse colocando um megafone ao lado da minha cabeça enquanto chamava meu nome.

— Hunter!

— Cara, só cala a boca, eu já te ouvi. — respondi quase em um sussurro e ouvi quando Landon começou a rir.

— Então levanta, cara, já passou das quatro da tarde.

Assustei ao ouvir a hora e me levantei rapidamente, lamentando na sequência ter feito o movimento tão rápido. Minha cabeça girou na mesma hora e senti uma ânsia forte vindo.

— Toma! — Landon me estendeu um balde e quase ao mesmo tempo, assim que o tomei nas mãos, o jato forte de vômito me atingiu com tudo. — Nossa, a noite foi boa mesmo, huh?

— Ótima — murmurei com a voz carregada de ironia depois de limpar meus lábios. — Você chegou agora?

— Sim, acabei de tomar banho e tive esperanças de que você fosse acordar, mas você nem mesmo se mexeu. O que aconteceu para voltar antes do feriado acabar?

— Muito cedo para falar disso agora. — pontuei ainda sentindo enjoo, mas colocando o balde ao meu lado no chão.

— Deixa eu adivinhar: começa com “Heather” e termina com

“Cooper”? Levou um fora, né?

— Obrigada por me lembrar, novamente, que minha vida amorosa é um desastre, Landon. — esfreguei o rosto com as mãos.

— De todo modo, foi isso mesmo. Fui até a casa dela de surpresa, não deu muito certo, terminamos o que quer que tínhamos e...

— E você correu para Kris para pedir acalento.

A menção ao nome de Kristen fez meu corpo vibrar, como se, ao ouvi-lo, a noite passada viesse como um filme, mostrando os

frames na velocidade máxima. E então, a memória me atingiu de forma certa.

Beijei minha melhor amiga na noite anterior. E gostei disso. O

quão errado poderia ser uma situação como aquela?

— Como sabe que saí com a Kris? — perguntei numa tentativa de dissipar os pensamentos.

— Bom, primeiro, ela deixou um *post-it* colado na parte de dentro da porta, me avisando que você estava mal. E segundo porque você usa a garota de estepe sempre.

— Como assim estepe?

— Nossa, cara, de verdade. É um milagre que essa garota ainda seja sua amiga. Você jura que nunca percebeu que ela é afim de você?

— De onde você tirou isso? — perguntei irritado enquanto me levantava devagar do sofá, indo em direção a cozinha em busca de água. — Somos melhores amigos desde o colégio, isso não tem sentido.

— Na sua cabeça, né garotão? A garota respira tensa do seu lado, juro que dá para ver que ela está implorando para que você a veja de outra forma.

— Isso é a sua cabeça maluca falando mais alto. Só porque você não consegue ser amigo dos caras, não significa que seja assim com todo mundo. Kris e eu somos só amigos — respondi a Landon, mas de alguma forma, verbalizei aquelas palavras para tentar amenizar as sensações que ainda era capaz de sentir por conta do beijo.

— Como quiser. — pontuou, rindo baixo. — De qualquer forma, estou de saída, devo dormir na casa do Jason, tudo bem?

— Claro. — respondi dando mais um gole na garrafa de água.

Landon e eu conversamos um pouco sobre amenidades por mais um tempo e quando ele saiu, senti a realidade recaindo sobre meus ombros.

O toque dos lábios carnudos, as mãos pequenas massageando meus cabelos, a temperatura de seu corpo, a forma como sua cintura se encaixava perfeitamente em minha mão, a sensação de que eu estava mergulhando em águas profundas.

Eu havia ingerido álcool suficiente para me deixar durante dias com ressaca, mas nem mesmo uma quantidade exorbitante de álcool me faria perder a memória e esquecer o que tinha acontecido.

Eu havia beijado Kristen Maxfield. E tinha gostado.

E não fazia ideia de como agir diante daquele fato.

Passei o restante do domingo curtindo uma bela ressaca e evitando olhar o celular, eu não sabia se estava preparado para ver alguma mensagem de Kris e muito menos sabia o que esperar de uma mensagem dela. Já tarde da noite, depois de um bom banho e uma refeição decente preparada por mim, deitei na minha cama e atualizei as notificações.

Heather e o time feminino de futebol haviam se classificado, sorri fraco ao ver uma foto de todas elas comemorando a vitória e não pude deixar de reparar na feição de Heather. Ela parecia abatida, mas muito provavelmente fosse por causa do jogo e não por qualquer outro motivo.

Eu ainda estava chateado, ainda doía, mas naquele momento, parecia doer um pouco menos, porque minha atenção estava concentrada não na garota que havia me dado um fora, mas na mensagem não aberta da minha melhor amiga.

Respirando fundo e tentando me preparar para todos os cenários, cliquei em seu nome e li a mensagem.

Kris: Espero que esteja bem, você passou bem mal ontem, mas por sorte, não vomitou nada no carro. Nos vemos na faculdade.

Melhoras, Hun-Hun.

Uma mensagem amena, sem nenhum significado ou nada de subliminar. Era como se o beijo não tivesse acontecido, como se nossa noite tivesse sido apenas minha bebedeira e nossa cantoria desafinada no meio do bar.

Talvez fosse melhor assim. Verbalizar o fato de que havíamos ficado poderia ser pior, tornaria verdade o fato de que eu havia ficado tão bêbado que tinha arriscado jogar uma amizade de anos fora por conta de um erro besta. Não, Kris e eu éramos só amigos, era

melhor simplesmente esquecer a questão e seguir com a vida como se nada tivesse acontecido.

Respondi rapidamente a ela dizendo que estava um pouco melhor e desliguei o celular, me dando por vencido de que, por mais que tivesse dormido boa parte da tarde, eu precisava de mais horas de sono para me recuperar por completo.

Apaguei a luz do abajur, cobri meu corpo e assim que fechei os olhos, a primeira imagem que me veio à mente foi a dela. Kris dançando, suas mãos passeando por seu corpo e depois o nosso beijo. Eu nunca havia prestado atenção nesses pequenos detalhes, mas naquele momento, só conseguia pensar no quanto ela era bonita e como nós dois juntos éramos um combo perfeito. Talvez fosse o caso....

— Não, Hunter! Para com isso. — murmurei em voz alta para mim mesmo. — Ela é sua melhor amiga e você acabou de levar um fora. É só a sua carência falando mais alto, não misture as coisas.

Perder Heather era uma coisa. Por mais que eu tivesse nutrido sentimentos de sobra por ela, era diferente perder uma garota que eu estava conhecendo e estragar a relação de anos que eu tinha com Kris. Era só minha necessidade falando mais alto, eu tinha um problema sério de não conseguir ficar muito tempo

“sozinho”, ou sem pensar em ninguém. Talvez aquele fosse o sinal vermelho gritante para dar um tempo para mim mesmo e para o amor.

Decidido, me virei novamente na cama e fechei os olhos, me concentrando em pensar no projeto que eu estava escrevendo e que meu orientador vinha insistindo veementemente para que eu aplicasse no mestrado.

Porém, por mais que eu me concentrasse ao máximo para pensar na faculdade, nos meus trabalhos, no mestrado que eu ainda não fazia ideia se faria, somente uma coisa prendia minha atenção de verdade.

E esse pensamento tinha olhos verdes, cabelos castanhos, baixa estatura e um beijo que me fazia arrepiar ainda naquele momento. Frustrado, me permiti pensar em Kris dessa forma mais um pouco, pelo menos por mais aquela noite.



Definitivamente, eu odiava o fato de ser um cara apegado quando o assunto era amor. Era quinta-feira e eu ainda não era capaz de passar um dia sequer sem me lembrar do beijo do sábado.

Fora isso, eu ainda havia passado pelo constrangimento de ver um dos professores de uma matéria em comum que Heather e eu tínhamos ficar extremamente confuso ao ver que nós dois não estávamos mais sentados um ao lado do outro.

E apesar de ainda ser um fato recente, o “incidente com Kris”

havia anulado toda e qualquer chance minha de passar dias remoendo e me afundando em autopiedade. Minha mente estava cem por cento concentrada em como reagir perto da minha melhor amiga naquele dia, já que era nosso dia de almoçar juntos.

Durante a semana, tanto Kristen quanto eu tínhamos uma rotina agitada de aulas e trabalho, isso fazia com que nossos horários fossem diferentes. Por esse motivo, eu ainda não havia encontrado com ela presencialmente até aquele dia em questão.

Eu estava suando frio enquanto a esperava em nosso ponto de encontro habitual, iríamos almoçar juntos e eu não sabia o que esperar de uma conversa presencial entre nós dois.

— Por que você está branco desse jeito?

A voz de Kristen me despertou e me virei para olhá-la, ela tinha um sorriso doce nos lábios e nenhuma expressão diferente da sua corriqueira.

— Não sei, talvez seja fome.

— Estou faminta também. O que quer comer? Pensei de almoçarmos naquele restaurante vegetariano que descobrimos recentemente, o que acha?

— Por mim parece bom, vamos?

Kristen assentiu e rapidamente emendou em um assunto sobre suas aulas e o projeto sobre inteligência artificial que ela vinha trabalhando com afinco desde o segundo ano de graduação.

Estranhando o fato de nosso primeiro assunto ser a faculdade e não



qualquer menção a noite de sábado ou até mesmo Heather, ponderei rapidamente que talvez ela só estivesse esperando o momento certo para falar do assunto, um momento em que nós estivéssemos mais à vontade.

Perguntei sobre como estava seu trabalho escrito, se ela estava precisando de ajuda e passamos o caminho até o restaurante falando sobre nossas pesquisas e projetos de faculdade.

Nada.

Kristen não falou uma palavra sobre a noite de sábado. Ou melhor dizendo: Kristen não falou sobre nosso beijo. Sobre todo e qualquer outro assunto não faltaram menções. Ela me perguntou sobre Heather, se eu estava melhor, perguntou como tinha lidado com minha ressaca e logo em seguida voltou para outros assuntos amenos. Nada além disso.

Era como se nosso beijo não tivesse acontecido.

Deitado em minha cama após um banho, eu estava relendo pela terceira vez o mesmo parágrafo do livro, e não conseguia absorver nada do que estava sendo dito, minha cabeça ainda estava presa na conversa e nas palavras que não haviam sido ditas.

Eu havia ficado ansioso a respeito de nosso encontro, sobre o que seria dito, havia imaginado os mais diferentes cenários, as desculpas que teria que dar para justificar minhas ações, como iria lidar com o constrangimento, o que falaria para minha melhor amiga.

Tudo havia me passado pela cabeça, menos a possibilidade de não falarmos sobre o assunto, afinal de contas, éramos Kris e eu, dois amigos de longa data que já haviam enfrentado as mais diversas situações.

Fechando o livro e desistindo da leitura, me deitei virando na direção da parede, respirei fundo algumas vezes e exausto de pensar a respeito da questão, ponderei de forma mais fria sobre o que estava acontecendo.

Kristen e eu nos conhecíamos há anos e nunca tínhamos tido problemas em falar a respeito de qualquer assunto que fosse, e por esse motivo, dada essa nossa facilidade, eu acreditava que haviam algumas possibilidades a respeito do assunto.

A menos provável delas era que eu estava delirando ou havia usado algum tipo de droga e o beijo não tivesse acontecido em nenhum outro local além da minha cabeça. Essa não era uma possibilidade que fazia sentido, não havia como eu ter imaginado aquele beijo, muito menos que ele não tivesse acontecido. As outras hipóteses eram que Kris não queria tocar no assunto porque não queria estragar

nossa amizade, o que por sinal me parecia o motivo mais óbvio, mas que não me machucava tanto quanto a última hipótese: que ela não havia gostado do beijo, no sentido de química entre nós.

Eu não me importava com o fator “poderíamos ter estragado nossa amizade”, mas sim com a chance de que ela não houvesse sentido as mesmas coisas que eu durante nosso beijo. A ideia de ser rejeitado por Kris me aterrorizava mais do que todas as outras, porque se até mesmo Kris me rejeitasse, eu não sabia se seria capaz de aguentar o baque. Ser rejeitado com todas as palavras era dolorido, mas não saber se de fato estava sendo rejeitado era ainda pior, ainda mais vindo de alguém que eu conhecia há anos e tão bem.

Bufando alto, me virei para o outro lado da cama e decidi que era melhor de fato esquecer, deixar de lado aquele fatídico evento e focar no que realmente importava. O trimestre iria se encerrar em breve, eu tinha um trabalho de pesquisa grande para terminar e o último ano de faculdade para concluir com honras e méritos.

Eu havia acabado de superar uma paixão e não estava me dando nem ao menos uma brecha para me curar do ressentimento.

Além disso, por que eu estava dando tanta importância para um beijo regado a álcool, se eu nem mesmo gostava de Kris?

Será que eu não gostava dela mesmo?

— Céus, Hunter, por que você super valoriza tanto as situações?



Falei em voz alta para mim mesmo e tampei o rosto com o edredom que me cobria. Ainda mais frustrado do que antes, dei um basta para mim mesmo e para minha mente adotando a melhor solução que eu conhecia para casos como aquele: me afundar nos estudos e fingir que nada havia acontecido. Rebater minhas dúvidas e frustrações com bom humor e leveza. Podia não ser o correto, mas era o recurso que eu tinha disponível.

Nas semanas seguintes, as obrigações e encerramentos de atividades do ano começaram a dar suas caras. A universidade entrou em festa quando o time feminino de futebol trouxe o campeonato nacional para casa e ao invés de me sentir amargurado por não assistir à final, saudei Heather educadamente pela vitória e percebi que, apesar de ainda recente, eu não sentia tristeza ao olhá-la, era como se nossa história tivesse acontecido há muito mais tempo e eu estivesse vendo uma antiga conhecida.

No final das contas, talvez eu não tivesse sentido tudo aquilo que havia projetado, constatação essa que não acontecia pela primeira vez em minha vida.

Virando a página 'Heather Cooper' oficialmente da minha vida, concentrei meus esforços em fazer o mesmo com Kris e nosso

'incidente', e durante as semanas que se seguiram, dispersar minha atenção do ocorrido se tornou relativamente fácil. Minha amiga não tocou no assunto e tampouco eu, entretanto, outras coisas começaram a

chamar minha atenção, coisas essas que não haviam acontecido até então.

Havia um colega de Kris que trabalhava com ela em sua pesquisa sobre inteligência artificial que ensaiava chamá-la para sair, minha amiga comentou algumas vezes que pensaria a respeito do assunto e eu não me importei com o fato. Entretanto, quando ela de fato aceitou seu convite e comentou comigo em um dos nossos almoços semanais, senti meu corpo e minha cabeça reagirem de uma forma não tão natural como antes.

Passei a noite de seu encontro pensando nos lugares onde ele não deveria levá-la, que comidas ela gostava e como o cara poderia errar feio se chegasse com alguma flor, de qualquer espécie, para buscá-la. Kris odiava flores, achava o gesto antiquado e até certo ponto cafona.

Eu sabia que conhecia bem minha melhor amiga, mas começava a me dar conta naquele momento que conhecia detalhes íntimos e minuciosos.

Outra fator que me dei conta foi a forma como seu toque mexia comigo. Como certo dia em que estávamos no carro e, ao nos despedirmos, puxei-a para um abraço e senti meu corpo se aquecer brevemente com nosso contato. Kris e eu sempre fomos amigos que trocavam carícias, fossem carinhos no cabelo, ou abraços desajeitados.

Todavia, eu me via sedento por qualquer chance para tocá-la, conduzi-la pelo caminho, fosse qual fosse, sempre me levava a colocar a mão em sua lombar; para chamar sua atenção, eu sempre buscava tocar sua mão.

Tudo era motivo ou justificativa para tocar sua pele e sentir a minha queimar pelo contato.

Mas mais do que isso, uma chave pareceu virar dentro de mim quando ela mencionou que não estaria na noite de ano novo comigo.

Foi como se tudo desmoronasse à minha volta.

O pai de Kris decidiu levar a filha para uma viagem somente os dois em um *resort* caro na Califórnia e, como há anos não acontecia, passei a virada de ano sem minha melhor amiga.

E senti sua falta em cada minuto daquele feriado.

Quando voltei para Tacoma na semana de volta às aulas, e, conseqüentemente, para meu último semestre na faculdade, eu tinha dois sentimentos diferentes com os quais lidar: a expectativa de me formar e a vontade incontrolável de matar as saudades dela.

Ao final do primeiro período de aula, enviei uma mensagem para Kris para que nos encontrássemos na nossa cafeteria habitual.

Cheguei ao local alguns minutos antes e, com um sorriso no rosto, decidi fazer uma surpresa simples para ela.



Antes de entrarmos na faculdade, Kristen detestava café puro, só tomava bebidas geladas ou qualquer coisa que não tivesse café de fato. Em uma de suas tentativas para evitar o consumo de cafeína, ela acabou pedindo uma bebida rosa com pitaya e leite de amêndoas.

Eventualmente ela aprendeu a beber café como qualquer outro aluno de graduação, mas vez ou outra comentava a

respeito das bebidas exóticas que consumia.

Quando Kris apareceu na cafeteria com sua jaqueta rosa claro e os lábios levemente avermelhados por conta do frio, senti meu coração acelerar de leve. Mas tudo foi completamente silenciado quando ela percebeu a bebida que eu segurava em mãos.

— Em nome dos velhos tempos e em homenagem ao nosso primeiro ano — comentei erguendo meu copo de isopor para brindar com o dela.

— Não acredito que você se lembra dessa bebida.

Sorri para ela dando de ombros e enquanto minha amiga falava sobre sua aula, não pude deixar de pensar em todas as coisas as quais me lembrava de Kris. Coisas bestas como seu drink favorito, seu pedido no McDonald's, o livro que ela havia lido mais vezes, e coisas mais sérias, como a forma como ela havia conseguido a marca de queimadura em sua perna, um incidente na cozinha quando criança, a dor que vez ou outra assolava seu peito por não ter conhecido a mãe e seus desejos mais obscuros e secretos.

E, mais uma vez, como vinha acontecendo nos últimos meses, lutei com todas as forças para ignorar os sentimentos tão latentes que vinham crescendo dentro de mim por conta da garota que eu tão bem conhecia.

— Por favor, quando essa carne vai ficar pronta?

Kris estava sentada no balcão da minha cozinha naquela sexta-feira à noite, enquanto eu me concentrava em picar alguns pedaços de cenoura e cogumelos para acompanhar o *Bife*

Bourguignon que estava preparando. A receita difícil e que exigia certa dedicação no cozimento lento da carne estava fazendo o apartamento inteiro cheirar maravilhosamente bem.

— Ainda vai demorar, Kris-Kris, por isso deixei esses pedaços de queijo para você comer enquanto isso — aponte para a tábua ao seu lado — vinho, por favor.

Ela não gostava muito de cozinhar, mas não se importava em fazer funções bobas como me passar cada um dos ingredientes.

— Sim, chefe. — comentou enquanto removia com pouca maestria a rolha da garrafa e me estendia a mesma. — Você bem que podia preparar aqueles pãozinhos assados no forno com tomate e queijo para comermos enquanto esperamos o prato principal.

— Você não consegue esperar... — estendi a última sílaba enquanto despejava mais um pouco de vinho na panela e checava as horas no relógio no pulso — mais uma hora e meia ou duas?

— Duas horas? — a voz estridente de Kris dado o choque me despertou uma breve risada — Como você me chama para comer algo, sexta-feira à noite, que vai demorar tudo isso para ficar pronto?

— Quem foi que sugeriu que eu cozinhasse? Ah, é mesmo, você. E agora, você está questionando meus pratos? — perguntei apontando para ela com a garrafa enquanto tentava segurar o riso.

— Você tem obrigação de cozinhar para mim todas as sextas-feiras. Eu aguentei suas receitas ruins por anos, o mínimo que você pode fazer como forma de recompensa é

me alimentar. Além disso, em maio não vamos mais estar por perto, para quem você vai cozinhar quando não nos vemos todos os dias?

A menção de Kris a nossa separação soava natural e quem visse de longe poderia dizer que nenhum de nós parecia estar sentido com essa mudança brusca, mas a verdade era que a cada vez que ela mencionava nossa nova vida que estava por vir, um aperto desconfortável em meu peito crescia de forma latente.

— Nada de fazer essa cara de cachorro perdido, Hun-Hun, vou morar em Seattle, você vai ficar em Tacoma, é perto.

— Mas ainda assim é diferente de chamar você para jantar em casa e enfrentar o trânsito da interestadual para nos encontrarmos.

— Não tem nada de difícil, vamos tirar de letra e você sabe disso. — Me cutucando com o pé na perna, Kris apontou para a taça de vinho separada na pia e, pegando-a, coloquei o restante do vinho que havia sobrado na garrafa.

— Bom, não vamos falar disso hoje. — pontuei entregando a taça em suas mãos e ela sorriu brevemente antes de dar uma leve cheirada no vinho e bebericá-lo de leve. — Hoje somos eu e você jantando. — Me posicionei à sua frente, mais próximo a ela, tomei a taça de sua mão e dei um breve gole no tinto.

— Adoro esse seu sorriso. — comentou ela pedindo a taça novamente.

— Que sorriso? — questionei.

— Esse. — pontuou fazendo um breve carinho no canto esquerdo, onde eu tinha uma covinha. — O sorriso do

Hunter feliz quando está na cozinha.

— Existe um sorriso diferente para situações como essa?

— Ah, e como existe. Sua covinha se ressalta mais —

afirmou, colocando o indicador de forma mais profunda no risquinho da minha bochecha — e seus olhos se enchem de orgulho do trabalho que você está fazendo. — ela alisou a lateral do meu rosto e seus lábios se expandiram em um sorriso genuíno.

O sorriso da Kris.

O contato íntimo fez com que um flash de memórias viesse à minha mente, cenas protagonizadas por Kris e eu. Juntos durante a escola, dividindo livros da biblioteca e resumos de estudo; festas de aniversários ruins onde nós dois ficávamos conversando sobre qualquer assunto como se a realidade a nossa volta não existisse; noites de ano novo regadas a espumante barato; festas de faculdade; primeiros porres. Todas essas memórias compartilhadas e vividas junto à garota que, naquele momento, me olhava atentamente.

— O que foi? — questionou, inclinando a cabeça um pouco para a esquerda, como se isso fosse capaz de fazê-la entender o que se passava dentro da minha.

— Você também tem sorrisos diferentes para cada situação.

— Tenho, é? Me conte mais sobre isso. — Em tom de desafio, ela deixou a taça em cima da bancada e cruzou os braços sobre o peito.

— Quando você está tentando ser apenas educada, sorri sem mostrar os dentes, seus olhos se fecham mais e você

balança a cabeça várias vezes. — imitando-a, me aproximei mais um pouco até que estivesse olhando de forma certa em seus olhos. — Quando você fica surpresa com algo, você dá quase um meio sorriso. Mas o meu favorito com certeza é o de quando você está feliz, porque você mostra todos os seus dentes e deixa de lado o comentário idiota que aquele garoto do nosso último ano da escola fez, falando que sua gengiva aparecia demais quando você sorria.

Kristen estava com os olhos arregalados e surpresa ao ouvir cada uma das minhas palavras. Eu também estava surpreso comigo mesmo, porque, naquele momento, em algo tão íntimo e tão nosso, minha ficha começava a cair. Talvez eu tivesse realmente procurado nos lugares errados quando, na verdade, o amor estava ao meu lado o tempo todo.

— Hunter...

Mas antes que qualquer palavra pudesse estragar nosso momento, me aproximei ainda mais dela, envolvi sua nuca com minha mão esquerda e trouxe seus lábios para mais próximo dos meus. Porque precisava de uma resposta verdadeira e concreta com relação a ela.

E como se eu estivesse voltando no tempo, naquela noite de sábado embalada a whisky e tequila, senti minha nuca pegando fogo, a pele aquecendo pelo toque e os arrepios percorrerem meu corpo.

Cem por cento sóbrio e sem nenhum som externo, quando minha língua pediu passagem para encontrar com a dela, percebi que o suspiro não saiu apenas dos lábios dela, como dos meus também.

E era certo. Como aquilo era certo.

— Hunter... — sua voz saiu baixa em meus lábios e me afastei lentamente. — O que está fazendo?

— Estou provando a mim mesmo que não estou louco. —
afirmei com a voz meio trêmula. — Por que não falamos disso, Kris?

— Disso o quê?

— Do nosso beijo. — pontuei. — Nós nunca tivemos problemas para conversar sobre nenhum assunto, e algo dessa magnitude não é pouca coisa. Por que você não comentou sobre o fato?

— Você estava bêbado, Hunter. E tinha acabado de ter o coração quebrado por uma garota, não era uma combinação muito boa para um beijo.

— Realmente, era um cenário errado. Bem errado. Mas o que eu senti no nosso beijo, o que eu senti agora... Isso é certo, Kris.

Isso é certo para caralho!

E me aproximando mais uma vez, beijei Kristen novamente, sentindo seu corpo dessa vez se perder mais junto ao meu. As pernas que outrora estavam fechadas se abriram e me encaixei entre elas, preendi sua cintura com minhas mãos e ouvi quando um gemido escapou de seus lábios ao sentir nossos corpos tão próximos.

O que era um beijo calmo começou a ganhar fôlego e força, suas mãos adentraram meus cabelos e as pontas de seus dedos puxavam os fios, uma de suas mãos tocou minha nuca e começou a descer em direção ao meu ombro e logo estava parando nos botões da minha camisa.

Sentindo confiança, levantei de forma leviana a blusa de lã que ela usava e ao tocar sua pele foi como se todos os tijolos do muro que até então nos separavam caíssem um por um. Eu precisava de mais. *Eu queria mais.*

— Não, isso não é certo. — os lábios de Kris se separaram dos meus rapidamente e ela empurrou meu peito para longe. — Isso não é nada certo. — murmurou, enquanto descia do balcão e andava rápido em direção a sua bolsa e jaqueta que estavam no sofá.

— Kris, espera! — exclamei quando percebi suas intenções.

— Kristen, por favor. — segurei seu braço levemente e tentei trazê-la para perto de mim.

— Não, Hunter, deixe-me ir.



— Conversa comigo. — pedi depois de soltar seu braço e vê-la se aproximar ainda mais da porta.

— Não posso, não posso.

Assisti aos cabelos escuros de Kris passarem pela porta e fiquei alguns minutos ali parado, olhando para a madeira e ponderando sobre o que havia acontecido poucos minutos antes.

Eu havia beijado minha melhor amiga pela segunda vez. E

não apenas gostado do beijo. Não, era bem mais do que isso. Eu havia beijado minha melhor amiga, gostado do beijo e me dado conta de que estava apaixonado por ela.

Era sábado à tarde quando o telefone tocou e eu corri para atendê-lo, sedento por uma interação, por uma resposta.

Infelizmente, o visor mostrava um número desconhecido e não me dei ao trabalho de atender, joguei o celular novamente na cama e voltei a olhar para a tela do notebook e o arquivo à minha frente.

Quatro horas de dedicação. Um parágrafo e meio escrito.

Meu rendimento acadêmico estava desastroso, eu estava dormindo mal e pior do que isso, não fazia ideia se estava agindo da forma correta ou não.

Na sexta-feira à noite, quando Kris me deixou plantado em minha sala, decidi dar tempo ao tempo, não ir correndo atrás dela, por mais que aquele fosse meu impulso inicial e também meu maior desejo. Todavia, eu havia aprendido a duras penas que algumas vezes, era melhor deixar que as coisas acontecessem naturalmente, sem forçá-las.

E se Kris precisava de um tempo para pensar, eu daria. Sabia também que nós seríamos capazes de falar a respeito do assunto, afinal de contas, estávamos sóbrios e muito bem conscientes de tudo que havia acontecido na cozinha do meu apartamento.

Mas era sábado e Kristen havia fugido de mim durante a semana toda. Respondia minhas mensagens de forma curta e seca, não tinha comparecido aos nossos cafés, em nenhum dia da semana estava disponível para almoçar comigo e nas vezes em que

mencionei que precisávamos conversar, ela simplesmente ignorou a mensagem até que eu falasse de outro tópico.

Entretanto, eu estava exausto. Não queria forçá-la a nada, mas era ela mesma quem havia me dito que também era importante respeitar seus sentimentos e não anulá-los, e era exatamente isso que eu estava fazendo naquele momento. Me anulando.

— Foda-se! Se for para perder essa amizade, que seja tendo uma conversa franca e não por falta de comunicação nossa.

Salvando meu péssimo progresso no documento Word, desliguei o notebook e vesti a primeira roupa que encontrei, descendo às pressas em busca do meu carro. Eu precisava colocar o assunto a limpo.

Chegando em seu apartamento, agradei quando um dos moradores abriu a porta da frente bem no momento em que eu chegava e me deixou adentrar. Se Kris tentasse me mandar embora, teria que fazer isso comigo em frente à sua porta e não pelo interfone.

Toquei a campainha com expectativa e quase perdi o ar ao vê-la abrir a porta usando apenas uma camiseta comprida e os cabelos presos em um lápis.

Como eu fui cego ao ponto de não enxergar aquela mulher à minha frente e, naquele momento, sentia meu corpo reagir ao dela apenas por olhá-la?

— Hunter, o que faz aqui? — perguntou enquanto abria mais a porta.

— Kristen, precisamos conversar. Sem rodeios, sem comida no fogão exigindo nossa atenção, sem bebida, sem nada por perto.

Somente eu e você.

— Você pode entrar, mas já disse tudo que precisava —
respondeu dando espaço para eu adentrar ao seu
apartamento. —

Foi um erro, Hunter. — afirmou séria depois de fechar a
porta.

— Por que você está evitando me olhar? — questionei-a ao
perceber que ela estava alguns segundos a mais parada
olhando para a porta.

— Não estou evitando olhar para você — rapidamente, Kris
se virou em minha direção.

— Está evitando me olhar agora e me evitou a semana toda.

E não adianta dizer que é a faculdade, conheço seus
horários.

Passei a semana toda pensando em você, tentando
conversar com você e você se esquivou de mim todos esses
dias. Nunca tivemos problemas para conversar, Kris, por
que agora?

— Você fala como se fosse uma conversa fácil, Hunter. —

exclamou mais alto, passando as mãos nos cabelos — Nos
beijamos. Duas vezes. Eu e você, tem noção do quanto isso
soa estranho?

— Pode soar estranho para você, mas para mim não mais, é
por isso que estou aqui, para colocarmos tudo a limpo, para
você entender que apesar de inusitado, não tem nada de
errado no que estou sentindo por você.

Kris mordia a ponta do dedão com força e eu conhecia bem aquele gesto, ela estava nervosa, estava receosa com a situação. E

mais do que isso, eu sabia que ela queria falar algo, que alguma coisa a incomodava.

— Converse comigo, Kristen, por favor. — implorei.

— Sobre o que eu vou conversar, Hunter? — sua voz saiu recheada de raiva. — Sabe quantas vezes eu ouvi que era impossível ser amiga de um homem? Aprendi a lidar com muitas perguntas desconfortáveis a nosso respeito e durante muito tempo, eu só queria provar para as pessoas que era mentira essa coisa de

“homens e mulheres não conseguem ser apenas amigos”.

— Disso eu sei, tenho ciência de que é bobeira, nós somos prova disso, mas agora não é mais assim.

— Agora? — pontuou com um riso nervoso. — Para você, Hunter. *Para você*. Tem noção de como foi lutar contra meus sentimentos todos esses anos? Desde a porcaria do baile da escola, Hunter. Consolei todos os seus corações partidos, vi você chorar por muitas garotas, tendo a ciência de que era você me deixar adentrar e eu iria te amar da forma como nenhuma delas foi capaz...

Kristen, que até aquele momento falava de forma apressada, simplesmente parou abruptamente, porque ela havia dito. Ali estava a verdade. Nós estávamos apaixonados um pelo outro.

— Você está apaixonada por mim? — perguntei caminhando em sua direção e reparei quando seus pés vacilaram para trás.

— Não... — comentou baixo e com a voz fraca.

Era mentira.

Eu a conhecia bem demais e sabia quando Kristen estava mentindo, principalmente porque ela não estava olhando em meus olhos.

— Kris, olha para mim, por favor. — Implorei parando no lugar onde estava. — Eu vou aceitar qualquer que seja sua resposta.

— Hunter, por que agora? Você não faz ideia do quanto eu lutei para adormecer esse sentimento, essa sensação. E justamente agora, você decidiu me confundir por inteiro.

— Não consigo colocar em palavras o quanto isso é maluco, Kris, o quanto eu não consigo entender como só agora percebi que estou apaixonado por você. Mas aconteceu. Acordo pensando em você, durmo pensando em você, quero tocar você toda hora e passo os dias lembrando de momentos que vivemos juntos e lamentando pelo fato de ter sido um tolo em não perceber que estava ali o tempo todo. O amor estava do meu lado o tempo todo e eu não fui capaz de ver. *Mas eu estou te vendo, Kris. Eu estou te vendo agora, por favor, me veja também.*

Quando terminei de dizer aquelas palavras, eu estava com falta de ar, meu coração batia descompassado e eu podia sentir tudo ao mesmo tempo: medo, adrenalina, felicidade, ansiedade, todos os sentimentos unidos.

— Como posso acreditar em você agora? Depois de tantos anos, como posso saber que isso é verdade, que não é apenas a sua carência falando mais alto?

— Você precisa confiar em mim. Como sempre fez. Precisa me dar um voto de confiança e saber que você é a única que fez meu corpo inteiro vibrar com seu toque. Você me desperta arrepios, você faz com que a minha pele pareça fogo. E mais do que isso... —

hesitando por um instante, mas vendo que ela parecia atenta aos meus movimentos, dei um passo para frente. Kris não recuou, então me aproximei rapidamente dela. — Você deixa meu coração assim.

E tomando sua mão esquerda com a minha, coloquei-a bem em cima do meu peito, onde meu coração batia em marteladas descompassadas.

— Eu poderia dizer que vou passar a vida lamentando o fato de não ter me dado conta disso, desse sentimento antes, mas melhor do que isso, melhor do que lamentar, é dizer a você que eu estou disposto a fazer grandes gestos todos os dias para te provar que não é uma brincadeira de mal gosto nem mesmo uma piada.

Kris tinha os olhos fechados e eu a olhava atentamente, sua mão ainda estava junto a minha em meu peito, mas seu silêncio era ensurdecedor. Quando suas pálpebras se abriram, o verde de seus olhos era intenso e lindo, e nele eu reconheci o mesmo brilho que havia nos meus: amor. Da forma mais pura que poderia existir.

— Você não precisa fazer grandes gestos para mim, Hunter.

Porque gostei de você sem eles, *porque sempre foi você, Hun-Hun.*

E com os olhos levemente marejados, tanto os meus quanto os dela, coleí meu corpo ao de Kris e pela terceira vez, beijei minha melhor amiga, tendo a certeza de que aquele seria o

último beijo e a última vez que diria aquelas palavras, porque beijar a garota na minha frente se tornaria uma rotina e porque ela não seria mais apenas minha melhor amiga.

Ela seria meu tudo.



"Lucky I'm in love
with my best friend
Lucky to have been
where I have been
Lucky to be coming
home again"

**Lucky – Jason Mraz Ft.
Colbie Caillat**

Epílogo

HUNTER DONAVAN

Alguns anos depois.

— Hunter, você gostaria de iniciar com os votos?

Assenti para o mestre de cerimônias à minha frente e com as mãos levemente trêmulas, pedi ao meu padrinho de casamento que me entregasse meu celular. Pegando em mãos o aparelho, abri o bloco de notas e respirei fundo para conseguir controlar o nervosismo.

— Respira, Hun-Hun. Finge que somos só nós dois aqui, como nos velhos tempos.

Olhei para Kris, vestida de branco, usando véu e absolutamente deslumbrante, e não contive o sorriso. Eu não tinha começado a ler meus votos e os olhos dela e os meus já estavam marejados. E meu coração batia em minhas costelas tamanha a expectativa para tornar aquele momento especial.

— *“Kris-Kris. — comecei, limpando a garganta e ouvi um risinho baixo da minha noiva. — A maioria aqui presente sabe da nossa história: dois amigos de escola que se conectaram logo que se conheceram. Fomos para a faculdade juntos, viajamos juntos, partilhamos experiências, tristezas, felicidades e tantas outras situações e histórias lado a lado. Já faz um bom tempo que não me lembro de como era minha vida sem você ao meu lado, sem partilhar novidades, dividir lanches e aventuras sem que você estivesse comigo. É claro que, muitas dessas memórias nós cultivamos como bons amigos e não como namorado e namorada ou noivo e noiva. E*

infelizmente, eu preciso te contar uma verdade antes de seguirmos com esse casamento: eu menti sobre algumas

coisas para você, mon amour .

A primeira mentira que te contei foi logo que começamos a namorar. Eu disse a você, naquela fatídica tarde de sábado, quando declaramos nossos sentimentos um ao outro, que não iria lamentar por não ter percebido que, na verdade, o amor que eu sentia por

você era bem mais do que um sentimento entre amigos. Mas, eu menti.

E menti feio, porque me arrependo todos os dias por não ter beijado você durante nosso baile na escola; me arrependo por não ter beijado você na Torre Eiffel em nossa primeira visita a Paris; me arrependo de não ter babado no seu corpo durante todas as vezes em que você desfilou para mim enquanto escolhia roupas para comprar; me arrependo muito mesmo por não ter beijado você durante o primeiro show do Pearl Jam que você me fez ir de acompanhante — ouvi a risada dos convidados e olhei para Kris a tempo de vê-la limpar uma lágrima no canto do olho enquanto ria —

me arrependo todos os dias por ter sido tolo de não perceber que eu te amava.

Que eu sempre te amei, mas estava ocupado demais olhando para todos os lados em busca do amor.

“Mas de alguma forma, em algum grau que não sei medir, também sou grato por todos esses anos. Sou grato por tudo que vivemos juntos e que nos levou a estar exatamente aqui, de frente um para o outro declarando nosso amor eterno. Porque, Kristen, eu nasci para amar você. Você me conhece mais do que ninguém e eu sei cada pequeno detalhe sobre você: seus sorrisos, — olhei para ela e pisquei, fazendo referência a uma das muitas declarações indiretas que eu havia feito para ela anos atrás — suas

manias de limpeza, a expressão sexy que você fica no rosto quando está escrevendo algum código no computador, a forma apaixonante como você topa tudo e qualquer coisa comigo.

E isso acontece porque, antes de tudo, você é minha melhor amiga. Kristen Anne Maxfield, eu prometo fazer valer todos os dias da nossa vida, prometo compensar você de todo o tempo em que eu fui um idiota por não perceber que era você a mulher da minha vida, que sempre foi você. Vou errar muitas vezes, vamos cometer muitos erros juntos e eu tenho certeza de que talvez eu te chateie de alguma forma, mas prometo a você que vou te amar incondicionalmente, por todos os dias e ainda mais nesses dias.

Talvez seja estranho terminar essas palavras com um pedido de desculpas, mas sinto que é necessário fazê-lo. — ergui meus olhos

da tela do celular e flagrei Kris me olhando atentamente. — Me desculpe por só me dar conta de que era você durante a prorrogação do tempo, quando nós estávamos terminando a faculdade e prestes a ficar longe um do outro. Eu quase te perdi, eu quase deixei você ir.

Ainda bem que o tempo foi generoso, ainda bem que o relógio foi meu amigo e me fez perceber que perder você seria como perder o ar para respirar. Eu te amo, Kris. Ontem, hoje e sempre.”

E com uma chuva de palmas preenchendo o local onde estávamos, ergui os olhos para ver o rosto da mulher que eu amava e, quebrando todos os protocolos, beijei-a rapidamente, porque aquilo era nós.

Hunter e Kristen.

E porque a felicidade com ela não era uma promessa, mas sim uma certeza, e o final feliz, uma consequência.

F I M.

Agradecimentos

Primeiramente, vamos por partes.

Se você chegou até aqui, precisa saber que Hunter Donavan nunca teve a pretensão de ser um protagonista em *Fair Play*. Muito pelo contrário, ele era apenas um pivô para agravar um conflito entre nosso casal principal, Heather e Nash.

Entretanto, a minha incapacidade de fazer homens agirem como babacas em livros fez com que este jovem rapaz chamado Hunter Donavan ganhasse o coração de várias leitoras e leitores e fosse motivo de muitos pedidos, mensagens, áudios e DM's implorando por um pouquinho mais de sua história.

Então, aqui estamos nós, concluindo a história dele. E me deixem dizer uma coisa: obrigada por insistirem tanto nessa ideia!

Foi uma delícia dar vida ao Hunter e a Kris e escrever a respeito de

“melhores amigos que se apaixonam”, um dos meus *plots* favoritos de todos os tempos.

Dado isso, não posso deixar de agradecer a algumas pessoas em específico: Clarissa Progin e Milena Fernandes, minhas leitoras betas, que me incentivaram a dar vida ao Hunter e se apaixonaram por ele já em *Fair Play*.

Um obrigada mais que especial às minhas amigas autoras e também betas: Caroline Dias, que superou sua raiva do

Hunter; Laura Vitelli, que apoiou essa ideia, ainda que risse da minha cara; Fernanda Martins, que soube de cada detalhe desse conto e leu a evolução dessa história enquanto fazíamos sprints de escrita e, claro, Olivia Ayres, que foi a primeira a espalhar essa ideia maluca (mas que eu tanto amei). Amo vocês, *meu squad!*

Às minhas queridas leitoras e leitores que encheram minha DM, WhatsApp, Twitter e afins para falar sobre *Fair Play* e, por consequência, ficaram em um eterno dilema se deveriam ou não gostar do Hunter. Vocês me divertiram muito com cada comentário!

Aos meus amigos e família, que sempre me apoiam e me incentivam tanto a escrever. Ao Caique que, novamente, topou a missão de dar vida a mais uma capa, a Clarissa, minha revisora, pelo trabalho impecável e ao Felipe, meu companheiro, que literalmente criou o Hunter.

Espero que vocês tenham gostado desse desfecho e que tenham se apaixonado por essa história assim como eu.

Sobre mim

Nascida na Grande São Paulo, Beatriz formou-se em Letras pela Universidade de São Paulo. Quando não está escrevendo, passa a maior parte do tempo lendo, ouvindo música, vendo filmes e planejando viagens.

Não dispensa um café quentinho, shows e uma tarde com os amigos. Não necessariamente nesas ordem.

Suas obras incluem, *Além de Mim*, publicado pela Editora Sinna no primeiro semestre de 2021 e *Fair Play*, publicado de forma independente no segundo semestre de 2021.

Redes sociais

Para acompanhar próximos lançamentos, me siga nas redes sociais:

Instagram: @lendomaisdoqueposso

Twitter: @autorabeatrizg